

2021

Investimentos



FUNBEP



Investimentos

Cenário econômico

Após um período atípico vivenciado em 2020, com fortes impactos na atividade econômica devido a pandemia, o ano de 2021 foi marcado pela retomada da atividade global com consequente inflação atrelada à volta da demanda. Problemas nas cadeias produtivas potencializaram este efeito, sendo um dos principais temas vigentes, sobretudo a partir de meados de 2021.

A inflação alta tem levado os Bancos Centrais a normalizar os níveis atuais das taxas de juros, com países emergentes iniciando este processo e os desenvolvidos, por sua vez, agindo de forma gradual, retirando inicialmente estímulos não tradicionais para posteriormente realizar ajustes nos juros básicos propriamente ditos. O ambiente expansionista do final de 2021 começa a dar lugar a um cenário com menos estímulos e volta de crescimento potencial, com questionamentos sobre a velocidade do ajuste da política monetária global.

A compreensão da inflação pós pandemia está no radar do Fed (Banco Central dos EUA), e de economistas em geral. A continuidade de pressões inflacionárias poderá levar a uma aceleração da retirada de estímulos, o que geraria impactos no crescimento global e em mercados em geral. No início de 2022, o Fed mostrou-se mais preocupado com o avanço dos preços, sinalizando que as altas nas taxas de juros e a redução de seu balanço devem vir antes do que inicialmente era esperado.

Para a China, o ano de 2021 foi desafiador, visto que o temor de uma maior desaceleração por lá foi tema ao longo do ano. Impactos relacionados a questões energéticas e expansão de crédito, assim como problemas específicos relacionados ao mercado imobiliário, trouxeram preocupações. A boa notícia é que, no fim de 2021 e início de 2022, o abrandamento de medidas restritivas e a realização de estímulos monetários e fiscais por parte do Banco Central e governo trouxeram maior otimismo para aquele país.

29,9%

No Brasil, o ano de 2021 também foi marcado pela gradual superação da pandemia. Com o avanço da vacinação, foi permitida a reabertura e consequente elevação da mobilidade, o que propiciou a retomada da atividade e recuperação de parte da produção e do consumo. Ainda que os dados para o fim de 2021 tenham surpreendido positivamente as projeções, há pouco otimismo com as atividades futuras, diante de um cenário menos auspicioso verificado no final do ano passado, com a inflação como grande vilã. Os canais de estímulo via juros e crédito não estarão mais presentes de forma relevante, em um ambiente com forte ajuste de política monetária, inflação e salários reais em queda. A retomada do emprego, mas com salários reais em queda, significa menos força para o consumo. Do lado fiscal, a menor austeridade e a discussão sobre a alteração de parâmetros do teto de gastos elevaram a percepção de risco para o país.

Em decorrência da inflação, os preços industriais seguiram elevados no final de 2021, com espaço para repasses adicionais dos altos custos, algo corroborado por gargalos nas cadeias produtivas. O setor de serviços acelerou e reajustes de salários se tornaram componentes inerciais relevantes, assim como combustíveis, energia, aéreas e bens duráveis também apresentaram alta. A inflação pelo IPCA fechou o ano de 2021 acima dos dois dígitos, em 10,06%, assim como a mediana dos núcleos de inflação (métrica que exclui os itens mais voláteis) seguiu apresentando valores elevados. A meta de 3,75% para o ano de 2021, com banda máxima de 5,25%, foi rompida. Em carta aberta ao Conselho Monetário Nacional, o Banco Central destacou pressões vindas do exterior por parte de câmbio, *commodities* e gargalos na produção de bens, assim como pressões internas relacionadas à crise hídrica vivenciada este ano.

A inflação persistente e em nível elevado, atrelada ao maior risco fiscal apresentado no ano de 2021, levou a autoridade monetária a começar um processo de aperto da política monetária. O BC então, que reduziu os juros a 2% na pandemia, deu início às altas de juros em março e entregou 7,25% de altas em 2021, levando a Selic para 9,25%. No início de 2022 o ajuste teve continuidade com a taxa Selic sendo elevada para 10,75% em fevereiro. As perspectivas atuais são de elevações adicionais na taxa básica.

Investimentos

Gestão de investimentos

A gestão de investimentos do Funbep é feita pela Itaú Asset Management. A Superintendência de Controle de Investimentos do Funbep monitora anualmente a aderência deste prestador de serviço aos requisitos e padrões estabelecidos, aferindo critérios quantitativos e qualitativos por meio de questionário de Due Dilligence.

O processo de análise e ajuste na alocação dos ativos em função de mudanças no cenário macroeconômico é feito regularmente pelo gestor contratado, dentro das alçadas e dos parâmetros de limites de alocação, por segmento e por emissor, definidos na política de investimento por plano, sempre com foco no longo prazo.

Em 2021, o Funbep revisou os percentuais de alocação por plano e por segmento, observando a Resolução CMN 4.661/2018, e foram mantidos os limites vigentes no ano para 2022. Como parte dos processos de governança de investimentos e atendimento regulatório, estes limites foram aprovados pelo Conselho Deliberativo.

Critérios ASG

Questões ambientais, sociais e de governança (ASG) serão cada vez mais relevantes na determinação dos retornos dos ativos, especialmente nas emissões corporativas de capital e dívida. O Funbep entende essa importância para sua carteira e apoia a conscientização e o desenvolvimento dos agentes envolvidos no processo de investimentos.

O gestor contratado pela entidade já incorpora elementos ASG no processo de seleção de investimentos para as carteiras e fundos da entidade. Adicionalmente, o Funbep efetiva uma análise qualitativa dos aspectos ASG sobre os emissores de crédito privado investidos, que leva em conta o setor da instituição, o perfil da empresa, seus principais números (lucro, EBITDA, número de funcionários, faturamento e outros), sua matriz de materialidade, além dos compromissos e participação em índices e *ratings* de crédito. Alguns destes ativos fazem parte do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e do Índice de Carbono Eficiente (ICO2), ambos da B3.

29,9%

Governança de Investimentos

Desde 2020, o Funbep conta com o Comitê de Investimentos e o Comitê de Riscos em Investimentos, dois órgãos colegiados permanentes, não estatutários e com regimentos próprios, que assessoram a Diretoria de Investimentos e oferecem subsídios para a tomada de decisão da Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo.

A atuação destes comitês fortalece a governança e o acompanhamento da gestão terceirizada das carteiras da entidade, observando as estratégias definidas nas políticas de investimentos de cada plano. Para a gestão de riscos, o colegiado desenvolve metodologias e implementa controles com estrutura, recursos e acessos independentes. São analisados riscos de mercado, crédito, solvência, liquidez, operacionais, legais e sistêmicos.

O objetivo é identificar, avaliar, medir e acompanhar os riscos relacionados à gestão de investimentos dos planos, avaliando a aderência aos limites da legislação, minimizando perdas e otimizando a relação entre risco e retorno para o cumprimento dos objetivos estratégicos de longo prazo.

Rentabilidade em 2021

A gestão dos ativos do Funbep possui elevada alocação em títulos de médio e longo prazo indexados à inflação, com o objetivo de minimizar o descasamento entre seus ativos e passivos, especialmente o descasamento de indexador. No ano de 2021, o plano apresentou uma rentabilidade líquida de 18,70% não alcançado a sua meta atuarial de 24,03%. Para este resultado, podemos ressaltar como ponto detrator para a rentabilidade do plano em relação à sua meta atuarial a alocação em títulos públicos e privados indexados ao IPCA, em que o componente do retorno relacionado ao índice de inflação apresentou variação de 10,06% vs 17,78% do IGP-M em 2021.

**Acesse o Relato Integrado na íntegra,
disponível no site.**

Conte com a gente!



FUNBEP